

Educação Física & Sociologia: uma análise mediada por Pierre Bourdieu

Eduardo Henrique Barbosa de Vanconcelos^{a*}, Veridiana Mota Moreira^b,
Luiz Delmar da Costa Lima^c, Wanderléia Silva Nogueira^d,
Francisco Chagas Evangelista Rabêlo^e

^aAv. Brasil, s/n, Centro, Quirinópolis, GO, Brasil, UEG, E-mail: historiaueg10@gmail.com

^b- ^cAv. Marechal Deodoro 1166/104, Zona 07, Maringá, PR, Brasil, UEM, E-mail: veridianamn@hotmail.com

^dRua Frei João Batista, 94, Centro, Quirinópolis, GO, Brasil, UEG, E-mail: wanderleiasnogueira@hotmail.com

^eAv. Esperança, Vila Itália, Goiânia, GO, Brasil, UFG, E-mail: rabelo.francisco.ce@gmail.com

Recebido em 08 10 2013, Aceito para publicação em 11 11 2013, Disponível online dia 31 12 2013.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo efetivar uma aproximação entre a Educação Física e a Sociologia por meio das questões, problemas e possibilidades apresentadas e desenvolvidas pelo pensador francês Pierre Bourdieu ao elaborar uma explicação sociológica para as práticas desportivas efetivadas pela sociedade ocidental hodierna.

Palavras-chave: Esportes. Educação Física. Sociologia. Pierre Bourdieu.

Abstract

This paper aims to effect a rapprochement between the Physical Education and Sociology through the issues, problems and possibilities presented and developed by the French philosopher Pierre Bourdieu to develop a sociological explanation for the effective practice of sport in Western society today.

Keywords: Sports. Physical Education. Sociology. Pierre Bourdieu.

Introdução

O presente trabalho consiste em uma proposta de aproximação entre a Sociologia e a Educação Física por meio da apresentação e utilização dos trabalhos do sociólogo Pierre Bourdieu em sua reflexão sobre os aspectos sociais do esporte na sociedade contemporânea. Tais relações e influências ganham destaque, visto que, a partir do século XIX, as contribuições da sociologia clássica para os temas de trabalho e pesquisa pertinentes à Educação Física pelos “fundadores” da sociologia, quando existiam, eram parcos e de superficial abordagem¹.

Salvo raras exceções¹, mediante a ainda incipiente produção de trabalhos produzidos por pesquisadores brasileiros versando sobre a Educação Física, lançamos mão das propostas e das ideias de Bourdieu que salienta a importância do trabalho do sociólogo nesta interlocução com a Educação Física, sua proposta reside em estabelecer as características sociais pertinentes a um esporte em consonância com os interesses, gostos e preferências de uma determinada classe².

Nesse sentido, ao longo do século XX, Bourdieu refletiu de forma direta ou indiretamente, sobre realidades e fenômenos históricos, sociais e culturais. Dessa maneira, seus estudos sociológicos despertaram e ainda despertam o interesse de diversos grupos sociais, dentre eles, os profissionais de Educação Física. Nessa aproximação entre Sociologia e Educação Física, o pensador francês, por meios de suas pesquisas e ideias, auxiliou o processo de valorização de assuntos do cotidiano e da chamada cultura popular, dando ênfase aos esportes, formas populares de lazer, assim como, os jogos, o folclore e linguagens corporais¹. Apresentar aos acadêmicos, pesquisadores e aos leitores interessados a riqueza e as potencialidades da produção intelectual do pensador Frances que por meio de seus *insights* suscitou o dialogo entre a Sociologia e a Educação Física é o escopo central do presente artigo.

Habitus, Campo Científico e Poder

Os analistas e pesquisadores da produção intelectual de Bourdieu atestam que ele assumia-se como um racionalista histórico - alguém que acredita/defende na/a razão científica com o propósito de desenvolver um conhecimento de validade e aplicação universal, partindo do pressuposto de que essa possibilidade não decorre de uma idealização do mundo científico, mas antes de uma prática e de um processo histórico que autonomizaram este campo de outros poderes e lhe deram características sociais e cognitivas que o colocam à parte de outros campos simbólicos. Assim, mais do que uma convicção ou um ideário, as virtualidades das ciências como forma de conhecimento

¹Bourdieu distingue duas espécies de capital científico com distintas “leis” de acumulação: o capital científico “puro” adquire-se principalmente pelas contribuições reconhecidas ao progresso da ciência. Já o capital científico institucional se adquire essencialmente por estratégias políticas, tomadas de posição no interior dos campos. Por fim, vale ressaltar que para o pensador Francês o capital científico é apenas uma das formas de capital que interagem com as demais instâncias e sujeitos da realidade social humana.

existem, para Bourdieu, porque foram produzidas pela sua história (produziram um campo com autonomia relativa) e estão incorporadas no inconsciente coletivo dos cientistas - o *habitus* científico³.

Ao explicar o que denominou de *habitus*, Bourdieu⁴ nos esclarece que os julgamentos de gostos e de preferências não são o reflexo da estrutura social, mas um meio de afirmar ou de conformar uma vinculação social. Afirma ainda que as condições de participação social baseiam-se na herança social e que o acúmulo de bens simbólicos e outros estão inscritos nas estruturas do pensamento (e na realidade material) e são constitutivos deste *habitus* através do qual os indivíduos elaboram suas trajetórias e asseguram a reprodução social no contexto onde estão inseridos. Perpassando todas as instâncias da sociedade, inserindo-se, inclusive, nas Ciências e nas práticas científicas que devem ser entendidas como campos específicos, com realidades e regras próprias, totalmente diferente das considerações usuais que afirmam a ciência como a representação máxima da imparcialidade ou da neutralidade objetiva.

Murad¹ acrescenta ainda que a abordagem de Bourdieu nos auxilia a desvendar os mecanismos da reprodução social², procura retirar do epicentro das análises sociais os elementos econômicos da existência material dos homens, não os excluindo, mas relativizando-os, subtraindo-lhes a condição de determinantes em última instância, como Marx e Engels defenderam e divulgaram ao longo do século XIX.

Nesse sentido, para o pensador francês, o conceito de *habitus* é básico para todos que compartilham a educação, seja escolar ou não escolar, na medida em que as matrizes e as identidades culturais que servem de referência às coletividades e a realidade social de um determinado local devem ser levadas em conta na hora de estabelecer objetivos, planejar, executar e avaliar os processos pedagógicos.

Todavia, o ex-professor de sociologia do *Collège de France* nos lembra que, a efetivação das relações sociais não são ditadas de fora para dentro, ou da sociedade para dentro dos indivíduos (determinismo e objetivismo) nem de dentro para fora (determinismo e subjetivismo). Antes de tudo é o resultado de uma correlação dialética entre a situação dada socialmente, o “campo” (espaço social de dominação e conflito), e o *habitus* (sistema de disposições e predisposições que integram muito das experiências passadas). Em vários de seus trabalhos, Bourdieu aponta o *habitus* como um mecanismo

autorregulador e propulsor da ação das pessoas enquanto agentes sociais, e, aprofunda a noção de campo quando estende sua investigação por diversos campos, como o jornalismo, a literatura, o esporte, a escola, a universidade, demonstrando assim, que, cada campo possui condições de autonomia específicas, bem como regras próprias de hierarquia e organização¹.

No artigo sobre a “Especificidade do campo científico e as condições sociais do progresso da razão” publicado em 1975, Pierre Bourdieu introduz os conceitos de “campo” e de “capital científico”, rompendo com a tradição sociológica dominante na sociologia da ciência e da “comunidade científica”. Bourdieu mostra que a lógica de mercado, intrínseca a todo tipo de produção, está presente também no da ciência que, sem ser submetida a uma clientela direta, confronta-se com os desafios da concorrência interna, entre pesquisadores⁵.

Ao abordar as relações de força e os instrumentos de poder e hierarquia no interior das instituições de pesquisa e ensino superior, Murad¹ baseado na obra de Bourdieu (*Homo academicus* - 1984) atenta para as estruturas formadoras dos profissionais da Educação Física e da Sociologia. A consciência crítica dos meandros da universidade e a militância (ação, práxis) nas suas estruturas de poder, resistência e luta, denotam o exercício de um mecanismo de preparo à vivência de uma cidadania também crítica e combativa. No geral, os docentes e, em especial, os profissionais de Educação Física devem estar atentos aos usos ideológicos da e na escola, os quais têm relação direta com o *ethos* do local, ou seja, com as suas realidades e identidades culturais profundas.

No que se refere à noção de campo científico postulada por Bourdieu, esta pode se apresentar como um sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores) é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nesta luta é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou se quisermos o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado⁶.

Bourdieu defende que a teoria dos campos sociais pode constituir-se como uma reflexão plenamente científica, porque só ela poderia objetivar o sujeito da ciência (o sujeito da objetivação). Só ela permite uma *auto-reflexividade* científica porque só ela é capaz de ser crítica do modo escolástico de pensamento relativo ao etnocentrismo epistemo-filosófico, de inspiração positivista ou inspiração semiológica. Assim, todos os outros modos de reflexão científica, protagonizados por cientistas, que não objetivem o sujeito da objetivação, isto é, que não usem a teoria dos campos como padrão de análise, estão condenados a serem considerados como “reflexividades subjetivistas”: cedem terreno, nas lutas simbólicas, à filosofia por via de cumplicidades com a escolástica ou com o relativismo epistemológico⁴.

Falar em campo científico como lugar de luta pela aquisição da autoridade científica, é percebê-lo produtor de interesses específicos, determinados (que aparecem como desinteresse somente quando referidos a interesses constituídos em outros campos). As noções de interesse e autoridade científica concorrem para que se afaste das leituras científicas sobre a ciência a distinção entre dimensão simbólica e dimensão técnica na mesma. Assim, aqueles que dominam o campo impõem uma definição de ciência, uma “medida de toda prática científica”, adequada às suas “capacidades intelectuais e institucionais”⁶.

Caria⁴ descreve os três tipos de erros apontados por Bourdieu ao fazer uma releitura dos “trabalhos relativistas” desmistificando o denominado artificialismo da realidade científica e o interesse próprio do cientista na descoberta da verdade:

- os relativistas são a inversão lógica do positivismo, porque supõem na sua crítica à ciência que só há ciência positivista (supostamente, todos os cientistas acreditariam que a realidade é um dado com sentido em si próprio);
- os relativistas, apesar de poderem praticar o método etnográfico, não chegam a evidenciar e compreender o olhar positivista do cientista – que seria a cultura nativa do laboratório – preferindo antes entregar-se apressadamente aos seus objetivos exclusivamente político-filosóficos de denúncia e descrença do/no conhecimento científico; e,

- os relativistas participam nos limites de uma visão escolástica do conhecimento porque, ao desqualificarem o interesse egoísta do cientista na procura da verdade, podem alimentar perversamente a ideia de que alguma vez foi ou será possível haver uma razão humana pura e neutra, exterior aos interesses sociais existentes. Assim, para o ex-professor de sociologia do *Collège de France*:

Compreender trabalhos científicos que, diferentemente dos textos teóricos exigem não a contemplação, mas a aplicação prática é fazer funcionar praticamente, a respeito de um objeto diferente, o modo de pensamento que nele se exprime, é reativá-lo num novo ato de produção tão inventivo e original como o ato inicial que se opõe absolutamente ao comentário des-realizante do leitor, meta-discurso ineficaz e esterelizante⁷.

As estratégias científicas se definem pela posição que o cientista ocupa na distribuição do capital no campo, por conseguinte, pelo capital acumulado (e pelo *habitus*). Por sua vez, a estrutura do campo científico se define, a cada momento, pelo estado das relações de força entre os protagonistas em luta, agentes ou instituições, isto é, pela estratégia da distribuição do capital específico, resultado das lutas anteriores que se encontra objetivado nas instituições e nas disposições e que comanda as estratégias e as chances objetivas dos diferentes agentes ou instituições. Mudando para uma área onde a competição é menor (em relação a outras áreas) as chances de aparecer como interessante e importante são maiores⁶.

As categorias de percepção, que no movimento dialético reproduzem, reafirmam e constituem o capital científico (simbólico), não são tomadas pelos indivíduos como categorias conscientes, ou seja, os cientistas conhecem e reconhecem o poder simbólico do capital por uma adesão ou submissão às propriedades distintivas do campo. Segue-se que os cientistas estão envolvidos em uma luta, que não se coloca como tal, para adquirir e conservar o capital produzido no campo. Daí, também, o poder simbólico envolvido na produção deste capital, que implica ao mesmo tempo em conhecimento e reconhecimento, o desconhecimento destas relações de poder. Desconhecer é reconhecer porque no desconhecimento se ratifica a arbitrariedade da imposição a que os cientistas se sujeitam; o desconhecimento, nesta conjuntura é o segredo do poder da violência simbólica^{4 e 8}.

A arbitrariedade de um poder imposto nasce de uma relação de força que lhe é favorável, e, por ser força e não ser razão, este poder arbitrário impõe crenças, comportamentos, uma cultura, que também é arbitrário para ele, pois é resultado de uma seleção que não se pode referir a nenhuma necessidade. Uma terceira arbitrariedade é aquela do modo de imposição, ao qual o poder arbitrário recorre para impor as significações que ele conservou arbitrariamente⁸.

Bourdieu⁴ reforça ainda sobre os julgamentos de gostos e de preferências, os quais não são o reflexo de uma dada estrutura social, mas um meio de afirmar ou de conformar uma vinculação social. As relações de poder como categoria de dominação podem ser analisadas pela metáfora do capital cultural no qual se apoia o princípio de reprodução social. Por outro lado, o entrecruzamento das relações de poder com as várias formas de ações organizadas favorece a capacidade dos indivíduos para elaborar estratégias que, todavia, não ultrapassam as relações de desigualdades sociais.

Para o ex-professor de sociologia do *Collège de France*, ao falar especificamente das práticas esportivas, as variações das práticas esportivas, segundo classes sociais distintas, refere-se tanto às variações de percepção e da apreciação das vantagens imediatas, que, supostamente, elas devem proporcionar (quanto às variações dos custos econômicos, culturais e corporais) maior ou menor risco, dispêndio físico mais ou menos importante, para compreender em suas grandes linhas a distribuição das práticas entre as classes e as frações de classe. Assim, tudo se passa como se a probabilidade de praticar os diferentes esportes dependesse, nos limites definidos pelo capital econômico e cultural, assim como pelo tempo livre, da percepção e da apreciação dos lucros e custos intrínsecos e extrínsecos de cada uma das práticas em função das disposições do *habitus* e mais precisamente da relação com o próprio corpo que, é uma de suas dimensões⁴.

Neste sentido, Bourdieu lembra-nos de que, para entender o esporte moderno, é necessário estudar separadamente algumas modalidades esportivas a fim de melhor conhecer a posição ocupada por elas (no campo esportivo específico) no espaço dos esportes e a distribuição dos praticantes tendo em conta a sua posição social^{1-2; 9}.

A história social do desporto é uma história relativamente autônoma que, ainda quando é escondida pelos grandes acontecimentos da história econômica e da política, tem o seu próprio ritmo, as suas próprias leis de evolução, as suas próprias crises, em suma, a sua cronologia específica [...] Só ela pode, com efeito, responder a partir de que momento se pode falar de desporto, quer dizer, a partir de quando se constituiu um campo de concorrência dentro do qual o desporto se viu definido como prática específica [...] O que equivale a perguntar se o aparecimento do desporto no sentido moderno do termo não é correlativo de uma ruptura com os antepassados dos desportos modernos [...] O que conduz a por em questão todos os estudos que por um anacronismo essencial, aproximam os jogos das sociedades pré-capitalistas europeias ou extra-europeias tratados erroneamente como práticas pré-desportivas, e os desportos propriamente ditos cujo aparecimento é contemporâneo da constituição de um campo de produção de “produtos desportivos”⁶.

A divergência sobre função e valores do esporte em diferentes espaços e estilos de vida

De acordo com Rodrigues¹⁰, uma interpretação do fenômeno esportivo como esfera de alienação e elemento utilizado na produção e reprodução dos valores capitalistas pode ser encontrada em alguns autores de influência ou orientação marxistas, tais como Adorno, Vinnai, Brohm citados pelo autor. Nesse sentido, para os pensadores ligados às ideias e teorias *frankfurtianas* (grupos de pensadores influenciados ou ligados a denominada *Frankfurter Schule* ou “Escola de Frankfurt”), o esporte é considerado como um elemento alienante, um instrumento utilizado pelas classes dominantes para preservar a estrutura de organização da produção e da sociedade capitalista. O esporte teria o papel de “coisificar” e alienar o homem. Tal perspectiva distancia-se da abordagem de Bourdieu, pois este afirma e sustenta que:

Pessoalmente, tenho horror a todos que visam produzir a “culpabilidade” ou a “má consciência” [...] Quero simplesmente contribuir para produzir instrumentos de análise que não exemtem os intelectuais: penso que a sociologia dos intelectuais é um preliminar a toda ciência do mundo social, que é necessariamente feita por intelectuais. Intelectuais que tivessem submetido a sua própria prática intelectual e os seus produtos, e não o seu “ser burguês”, a uma crítica sociológica, estariam melhor armados para resistir às estratégias de culpabilização que exercem contra eles todos os aparelhos e que visam impedi-los de fazer aquilo que enquanto intelectuais poderiam fazer por e sobretudo contra esses aparelhos⁶.

Bourdieu considera que as práticas sociais empreendem algumas transformações sistêmicas que são criadas por meio de novas atividades que emergem do declínio de determinadas atividades existentes. Tais transformações modificam o “espaço das práticas” (no caso as práticas do campo esportivo), não necessariamente modificam o “espaço social” homólogo ao que é reproduzido. Para determinados grupos sociais, esporte (praticado ou não, apreciado ou não) é uma figura, um prazer, uma questão, um meio. As práticas esportivas têm funções, formas e valores diferentes para os indivíduos, isso muitas vezes em consonância com a classe social a qual pertence o indivíduo⁴.

Descobrir as funções e os valores do esporte para seus praticantes é um empreendimento sociológico por deveras interessante. Nesse sentido, cabe ao investigador social identificar e explicar as propriedades sociais importantes que são responsáveis por determinada prática esportiva e os gostos e preferências de uma determinada categoria social⁹.

É importante verificar também que existem diferenças na demanda por práticas esportivas entre as diferentes classes sociais. Geralmente, as classes sociais mais abastadas preferem os esportes individuais, nos quais a figura do sujeito pode ser mais destacada (o golfe, o tênis). Os indivíduos de classe sociais superiores, econômica e culturalmente, tendem a praticar esportes que não demandam grandes sacrifícios corporais. Já as classes populares preferem as modalidades esportivas coletivas e que demandam uma maior quota de sacrifício corporal. A diferença central da prática esportiva de uma e/ou de outra classe social são as diferentes percepções e entendimentos em relação ao esporte e também do acesso que as pessoas têm ao esporte. As práticas esportivas seriam, então, o resultado da relação entre oferta e procura, ou seja, produto da relação entre o espaço dos produtos oferecidos em um determinado momento e o espaço das disposições associado com a posição ocupada no espaço social^{1,4,9}.

Todavia, ao ressaltarmos as ideias, os *insights* e os argumentos de Pierre Bourdieu, indiscutivelmente, estamos diante de um pensador sério, ciente dos seus objetivos e ávido por caminhar por sendas ainda não percorridas ou totalmente desconhecidas na área das ciências sociais. Entretanto, isso não implica uma defesa

apaixonada e incondicional de suas ideias, uma vez que, o instrumental crítico apresentado por Bourdieu pode ser utilizado de outras formas, suscitando, assim, outros entendimentos, tais como os apresentados por Cláudio Nogueira e Maria Nogueira ao apresentarem as contribuições e as críticas, endereçadas a Bourdieu e aos seus estudos de Sociologia da Educação, por concentrar, segundo as autoras, a suas análises em classes sociais desprezando outros fatores sociais como religião, gênero, estímulos locais e demais aspectos que constituem a atual dinâmica social¹⁰.

Além das críticas na área da educação, no Brasil, os pesquisadores da área de Educação Física também formulam críticas às argumentações de Bourdieu. Nesse sentido, Taffarel¹² afirma que existe uma profunda inter-relação entre esporte e controle ideológico, entre esporte e política neoliberal, entre esporte e mídia privatizada e entre esporte e taxas de lucro. Enfoca ainda os processos de espetacularização do esporte e da “esportivização” em todos os âmbitos da vida e principalmente na escola, com tudo o que lhes é peculiar – competitividade, produtividade, individualismo, “tecnização” entre outros. Corroborando com Taffarel, Rodrigues¹⁰ descreve que os meios de comunicação de massa participam da produção e veiculação do espetáculo esportivo, salientando que a criação do “esporte telespetáculo” influencia na produção do *habitus*. Nesse sentido, quando se busca entender a produção do *habitus*, o pesquisador social necessita questionar sobre como e em que medida a mídia influencia no *habitus* quando enfatiza demasiadamente a história dos ídolos do esporte, como suas vitórias e conquistas interferem na construção do *habitus* dos espectadores, por exemplo.

Gaya¹³ tem plena convicção de que grande parte das desavenças entre ideias favoráveis e contrárias ao esporte de excelência para crianças e jovens decorre da dificuldade de comunicação entre contendores. Acredita ainda, que não seria politicamente correto para alguns nomes de destaque na Educação Física brasileira abandonar discursos “fundamentalistas” que agregam em torno de si um conjugado alargado de estudantes e profissionais cujo sectarismo ideológico sempre estará acima de qualquer interesse teórico mais alargado. Para Gaya¹², neste meio acadêmico predomina a maximização de excessos dentro de uma teoria crítica que deixa de reconhecer os aspectos positivos que a prática esportiva pode oferecer.

O jogo científico é uma atividade séria (para ser levada a sério): supõe competências, realizações, produtos e polêmicas que são desenvolvidos e avaliados pelas qualidades e critérios prático-científicos e não por critérios relativos a outros jogos, como políticos, econômico-materiais, midiático-comunicacionais, pedagógico-didáticos, simbólico-filosóficos, comunitário-domésticos, entre outros³.

O *habitus* pode variar de acordo com cada classe social, o que mais uma vez ressalta a importância da teoria de Bourdieu. Tal variação torna possível compreender por que as classes populares têm preferências esportivas distintas daquelas das classes dirigentes. Para alguns indivíduos, a prática esportiva serve para desenvolver a musculatura, a beleza e a elegância. Para outros, o esporte é encarado como sinônimo de lazer, saúde e compensação do cansaço do trabalho. Para as classes sociais abastadas, o esporte apresenta importante valor estético. Para alguns segmentos da sociedade, o esporte é um ofício, como por exemplo, os atletas profissionais^{4,9}.

Não compreender a dinâmica dialética em sua extensão e profundidade é correr o risco de empobrecer estudos e análises, com prejuízos extensos e inegáveis tanto para o desenvolvimento de teorias como para a aplicabilidade prática destas. Embora toda manifestação cultural e educacional, artística ou esportiva esteja situada estrutura ideológica de coerção e poder, existe a condição de autonomia que é conferida ao sujeito e entre os diferentes níveis do social. Murad¹ finaliza suas considerações no informado que essa autonomia ou uma certa independência, faz com que os fenômenos sociais não sejam tão previsíveis e tão controláveis como às vezes determinadas teorias fazem parecer.

Vale ressaltar que é extremamente necessário estarmos cientes de que nenhum autor ou pesquisador dá conta de “todo” fenômeno, entretanto, apesar das críticas existentes aos trabalhos e/ou a partes específicas de sua obra, ele conseguiu capturar da teia social importantes elementos que permitem-nos, hoje, entender melhor o que o esporte (principalmente) é para a sociedade... ou a Educação Física como campo (com suas práticas corporais diversas).

Conclusão

Pierre Bourdieu⁶ afirma que uma comparação somente é fundada quando se tem por fim aprender a especificidade da prática propriamente desportiva ou determinar como certas práticas corporais puderam receber uma significação e uma função radicalmente novas (como, por exemplo, o voleibol e basquetebol), tornando-se desportos definidos em suas regras e ao mesmo tempo, na qualidade social dos seus participantes, praticantes ou espectadores, através da lógica do “campo desportivo”. Compreender que o princípio de transformação das práticas e dos “consumos desportivos” possa estar relacionado com as transformações de oferta (invenção de desportos novos) e de procura (transformação de um estilo de vida e submissão à mesma) é de suma importância para Bourdieu, bem como as diferentes formas de apropriação esportiva ajudam a definir e a interpretar um determinado momento histórico, uma conjuntura social.

Todavia, a efetivação das propostas por Bourdieu encontra-se cercadas por obstáculos que impedem a comunicação entre teorias, conceitos e métodos. Tal situação deve-se menos a problemas lógico-científicos que a lutas de concorrência existentes entre elas, visando à conquista de posições de legitimação no interior do campo das ciências sociais. Para o pensador francês, os que se identificam com uma determinada postura analítica tendem geralmente a ignorar os resultados obtidos pela teoria concorrente, não se apropriando dessas descobertas que poderiam abalar as bases de suas convicções. Esta sua atitude tem implicado uma interação constante com as aquisições das tradições clássicas e contemporâneas da Sociologia.

O fato da ciência ter se tornado um instrumento de legitimação do poder não deve conduzir os intelectuais de diferentes áreas do conhecimento à exacerbação científica romântica, muitas vezes, de perfil regressivo que acaba coexistindo com a visão de mundo dominante, usualmente criticada. Ao invés disso, especificamente sobre as “ciências sociais do desporto” – se assim puder ser compreendida – espera-se a propagação e a perpetuação do entendimento científico amplo, dialogando com a Antropologia, com a Filosofia, com a Geografia, com a História, com a Economia e com a Sociologia, sempre lastreada em uma prática social, em um engajamento político em uma visão crítica das ações humanas.

Referências

- (1) Murad M. Sociologia e educação física: diálogos, linguagens do corpo, esportes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- (2) Bourdieu P; Passeron J C. A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1982.
- (3) Bourdieu P. Other words: Essays towards a reflexive sociology. Stanford University Press, Califórnia, 1990.
- (4) Caria TH. História, reforma e lucidez em ciência: A reflexividade científica segundo Pierre Bourdieu. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, 2007, 79:133-149.
- (5) Bourdieu P. O poder simbólico. 3ª Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- (6) Bourdieu P. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.
- (7) Vasconcellos MD. Pierre Bourdieu: A herança sociológica. In: Educação & Sociedade, 2002, 78:77-87.
- (8) Ortiz R. Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo, Ática, 1983.
- (9) Encrevé P; Lagrave R. Trabalhar com Bourdieu. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- (10) Rodrigues FXF. Pierre Bourdieu: esquema analítico e contribuição para uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte. In: Sociedade e Cultura, 2005, 8(1):111-125.
- (11) Nogueira CMM; Nogueira MA. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. In: Educação e Sociedade, Campinas, 2002, 78:15-36.
- (12) Tafarell CNZ. Esporte na escola e o esporte de rendimento: reafirmando o Marxismo contra as ilusões e as imposturas intelectuais. In: Stigger MP; Lovisollo H. Esporte de rendimento e esporte na escola. Campinas-SP: Autores Associados, 2009.
- (13) Gaya A. Sobre o esporte para crianças e jovens. In: Stigger MP; Lovisollo H. Esporte de rendimento e esporte na escola. Campinas-SP: Autores Associados, 2009.